Por aí: a crônica jornalística *inter* meios[1]

Ana Cláudia MUNARI Domingos[2]
Universidade de Santa Cruz do Sul, RS

RESUMO

A partir das transformações provocadas pelos meios digitais, fala-se no fim das edições impressas a partir de sua substituição por versões on line, como tem acontecido com alguns jornais. Se as edições digitais têm procurado imitar os protocolos de leitura do impresso, também tem acontecido o movimento inverso: a influência do design digital nas edições impressas. É o caso da crônica multimodal "Por aí", do Caderno Donna, do Jornal Zero, que remedia o blog de sua autora, Mariana Kalil, trazendo formas de conversar com o leitor migrante e fazendo convergir traços de outros gêneros, sem perder a leveza e o humor característicos da crônica.

PALAVRAS-CHAVE: multimodalidade; crônica jornalística; edição impressa; intermidialidade; blog.

A afirmação sobre a transformação da sociedade a partir dos novos meios digitais já está mais do que alardeada nos variados campos do saber. Desde a cultura agrícola, com a tecnologia de precisão via satélite, até a cibercultura, com a visão do pós-humano, há múltiplas teorias, geralmente disciplinares, sobre o futuro da sociedade e mesmo da humanidade, erigidas frequentemente sob a guia da historicização do percurso desde as técnicas mais rudimentares até a tecnologia digital. E é a partir desse traçado diacrônico que se prevê a onipresença do big brother, a ubiquidade dos meios, o homem cibernético e "por aí" vai, principalmente a partir das trocas, das substituições e das remediações protagonizadas pela prática humana. Sabemos que as tecnologias se consolidam conforme sua adoção pelos usuários, em processos cuja substituição ou atualização, embora possam ser meramente mercadológicas, necessitam da aprovação de sua interface e a avaliação dos resultados. Geralmente escolhemos o que é mais fácil, mais rápido, mais prático, mais prazeroso, e as empresas midiáticas certamente não desconhecem essa nossa qualidade.

[1] Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Doutora em Letras, Professora do Mestrando em Leitura e Cognição da Universidade de Santa Cruz do Sul.

No universo da informação, a influência da tecnologia é direta, quando os meios são não apenas um recurso, uma ferramenta, mas a própria materialidade do objeto. Assim, mais do que se adaptar às novas práticas, as áreas da Comunicação têm a obrigação de fazer valer seus princípios e objetivos a partir dessas mudanças. O Jornalismo, por exemplo, viu-se diante da própria reconfiguração de seus fins (que justificam os meios) a partir da sociedade digital.

Já nos anos 1990, quando a união do computador pessoal com a internet recém começava a transformar os hábitos e as relações sociais, o Jornalismo teve de aliar-se ao universo digital, inicialmente apenas transferindo parte de seu conteúdo para a web, então um espaço cuja interface evocava uma leitura praticamente linear, de rolagem, em que a interação do leitor era pouca. Em seguida, a partir de portais, os textos jornalísticos passaram a utilizar os recursos do ciberespaço, incluindo outras linguagens que não apenas a verbal e a visual – como o áudio e o audiovisual – e inserindo links. Já a terceira geração de jornais digitais teve suas versões específicas para a internet, incluindo canais de comunicação com leitores e inter-relação com redes sociais, como o Twiter e o Facebook (QUADROS, 2010, p. 732). Essa "nova ordem comunicacional" (FURTADO, 2012), embora amplamente medida pelas forças mercadológicas, tem bastante sentido nas práticas sociais, que selecionam formas que promovem a sobrevivência da civilização diante de novas técnicas.

Atualmente, muitos jornais não apenas têm suas versões digitalizadas ou digitais, como ainda aplicativos para tablets, em que tanto a forma amolda-se à tecnologia da leitura desses dispositivos, como o conteúdo é diferente daquele da mídia impressa ou para desktop. É o caso do Jornal *Zero Hora*, veículo que publica os textos objeto deste trabalho, que dispõe de versões para os sistemas operacionais iOS e Android. Ali, o foco da edição são as notícias, atualizadas minuto a minuto, apresentadas em textos curtos, ilustradas por imagens grandes e linkadas a temas relacionados[3].

A necessidade de adequar o conteúdo do jornal às affordances[4] dos meios digitais – em que valem dispositivos, conteúdos, interfaces e agentes – tem sido uma preocupação

[3] É interessante anotar aqui a convergência "provocada" dos meios: no exato minuto em que fiz meu cadastro junto ao aplicativo de Zero Hora para tablet, recebi, por email, um anúncio para a ZH TV.
[4] Conforme Oliveira e Rodrigues (2006), as affordances "são exatamente as possibilidades oferecidas pelo ambiente a um agente particular". Conceito cunhado por Gibson, ele diz respeito às disposições e recursos do ambiente que possibilitam a que ele seja percebido por um agente e, a partir disso, suas ações. Não se pode tomar a ideia, embora próxima, de interface, visto que o affordance é maior, e a interface é apenas a tomada de determinados aspectos do affordance.

constante dos meios de comunicação, já que as tecnologias têm evoluído e transformado as práticas dos usuários em uma velocidade quase maior do que somos capazes de aprender. Assim, se antes as formas digitais buscavam remediar as impressas, imitando, por exemplo, o folhear da página e buscando tornar a experiência de leitura próxima àquela do papel, as versões em hipermídia têm buscado construir seus modelos a partir já das práticas digitais dos usuários – o conteúdo que eles acessam, nos meios que eles acessam e na linguagem que eles entendem e com a qual respondem.

Por outro lado, a partir da perspectiva de que esses mesmos meios podem vir a substituir as versões impressas, é notável o tanto de influência que percorre o caminho inverso – do digital para o impresso. É o caso, no mesmo veículo objeto deste trabalho, por exemplo, do aumento da inserção de imagens e de infográficos, principalmente coloridos como são vistos na tela, o encurtamento de textos, a ampliação das fontes e o destaque maior a manchetes e títulos, a emolduração de seções e a disposição dos textos em espaços que lembram écrans, entre outros. É possível pensar que essa nova formatação dos jornais impressos tenha o intuito de assegurar a manutenção do grupo de leitores migrantes – que leem impressos e digitais – sem deixar de captar para o veículo os leitores digitais que, em um futuro não muito distante, serão os únicos.

A coluna de Mariana Kalil para o "Caderno Donna", de *Zero Hora* dominical, é um bom exemplo dessa tendência editorial, quando remedia protocolos de outros gêneros – a exemplo da fotonovela – para o interior de seu texto. O blog "Por aí" nasceu em 2009, "para ser uma extensão da coluna "Por Aí" no caderno Donna" (KALIL, 6/5/2011)[5] e funciona vinculado ao portal ClicRBS, do Grupo RBS[6]. Antes, Mariana Kalil, editora do Caderno Donna, já falava sobre moda e tendências no mesmo caderno, que existe desde 1993. Este formato do texto "Por aí" que vamos analisar é vigente, no impresso, desde setembro de 2012 e, no blog, desde maio de 2011[7]. Apesar de ter surgido primeiro em papel, no caderno do jornal *Zero Hora*, é a transformação no blog que atravessa para o impresso, dois anos depois.

Essa perspectiva transmidiática acaba por colaborar para a hibridização do gênero impresso, que agrega características de outras formas textuais. A página da coluna no

[5] Disponível em: http://wp.clicrbs.com.br/porai/2011/05/06/bem-vindos-ao-novo-por-ai/?topo=13,1,1,,18,13. Acesso em: jul. 2013.
[6] Grupo multimída da região sul do Brasil que iniciou, com a Rádio Gaúcha, em 1970, e hoje congrega emissoras de rádio e televisão, jornais impressos, o portal e uma produtora de conteúdo. Para mais: http://www.gruporbs.com.br/index.php?pagina=home.
[7] Anúncio das mudanças no blog disponível no endereço supra citato do blog em 6 de maio.

jornal, como um todo, lembra os formatos da infografia e da fotonovela; já o diálogo entre o verbal e a as imagens sugerem que elas sejam ilustrações do texto e, por fim, a obra, a partir do texto e de sua leitura, está entre a crônica e o conto. Esse acontecimento não é novo, como aponta Santaella (2003, p. 26):

> Por volta do início dos anos 80, começaram a se intensificar cada vez mais os casamentos e misturas entre linguagens e meios, misturas essas que funcionam como um multiplicador de mídias. Estas produzem mensagens híbridas como se pode encontrar, por exemplo, nos suplementos literários ou culturais especializados de jornais e revistas, nas revistas de cultura, no radiojornal, telejornal etc.

Essa mistura de linguagens que resulta na coluna de Mariana Kalil como um texto híbrido, obra da cultura das mídias, notadamente traz a influência da cultura digital, não apenas no seu aspecto *inter* mídias, mas também quando sua edição impressa dissolve uma série de molduras através da convergência. A perspectiva da multimodalidade faz perguntar: É texto ilustrado? Fotonovela? Blog impresso? Infográfico? Linha do tempo? A estrutura textual nos questiona: É crônica? Conto? Miniconto? Diário? O suporte nos aponta: É coluna de moda? De comportamento? De gastronomia? É crônica? Quadrinhos? E, pensando a convergência dos agentes: Mariana é cronista? Personagem? Colunista? Blogueira? Escritora? Editora?

Talvez a resposta para todas essas perguntas seja única: sim. E é a partir dessa mistura que olhamos para o texto de Mariana Kalil – em que, aqui, texto significa, simultaneamente, multimodalidade, intermidialidade e obra, ou seja, múltiplas linguagens, remediação de linguagens e resultado da interação: como uma forma que dialoga com o seu tempo entre diferentes leitores. Também seguindo essa perspectiva de inovação, tratamos o texto de Mariana Kalil como uma crônica multimodal, e a narradora-personagem-colunista como uma cronista, uma cronista da cultura digital, cujo texto transmidia-se entre o impresso e o digital – no jornal, no blog e, mais recentemente, em audiovisual, também na internet, no canal ZH TV[8] – e é o espaço em que ela narra, protagoniza a história e comenta a esfera extradiegética. À medida que seu espaço é fixo e o leitor sabe o que nele vai encontrar, o "Por aí" também é a coluna da Mariana Kalil.

Embora tenhamos acompanhado todas as edições da coluna desde sua "reinvenção", em setembro de 2012, optamos por analisar neste artigo principalmente as cinco publicações impressas do mês de junho, já que elas não sofreram modificações desde aquele período. Dessa forma, também pudemos verificar questões de sentido na perspectiva

[8] Disponível em: http://videos.clicrbs.com.br/rs/zerohora/video/donna/2013/05/por-mari-arrisca-corrida/24367/. Acesso em: jul. 2013.

diacrônica, já que evidentemente há aí, entre linguagens, modos e textos, a preponderância da narrativa.

A narrativização das formas também caracteriza a cultura digital, em que é preciso transformar em experiências a interação entre o leitor-espectador-consumidor e os textos. A construção de espaços diegéticos é, assim, uma maneira de promover a identificação dos receptores, fazendo-os participar da construção de sentidos mais intensamente. É na esteira de redes sociais que essa tendência segue, quando o espaço público e o privado têm suas molduras esfumaçadas pela possibilidade de escritas em rede. Todos querem não apenas tornar visíveis suas narrativas como participarem das narrativas alheias. Pode-se dizer que atualmente a construção do indivíduo, a partir de seu círculo social, erige-se através do seu perfil em redes sociais, desde o profissional – a exemplo do Linkedin e mesmo do Lattes – até o afetivo, como Facebook e Instagran. No caso da publicidade, por exemplo, a inserção do enunciante (que representa o anunciante) em uma esfera diegética – como uma ficção – torna verossímeis seus apontamentos, tornando-o um consumidor confiável do produto, que interage no mesmo nível com o narratário-consumidor. Mesmo no campo das artes, é visível a perspectiva da narrativização dos objetos. Para atender a proposta de um dos programas culturais do Itaú Personnalité neste ano de 2013, por exemplo, a artista plástica porto-alegrense Zoravia Bettiol apresentou em seu perfil no Facebook:

> A proposta da TENET deste ano é que cada artista criaria a sua obra a partir de uma emoção expressa em uma foto pessoal. Meu depoimento sobre a criação da obra Alice no Aquário: Alice saltou do aquário e me causou espanto e supressa [sic]. Realidade? Fantasia? Depois tudo normalizou no aquário azul transbordante de peixinhos têxteis. Divirtam-se!

Seguindo esta tendência de transformar as experiências em histórias, essa é outra questão que torna singular o texto de Kalil: a passagem dessa espécie de narrativização da rotina particular, característica das “linhas do tempo” das redes, para o impresso, transformada, aí, em crônica. Observando o modelo da coluna de Kalil no decurso do tempo, tanto a impressa quanto a digital, vemos que o “Por aí” deixou de ser aquele

comentário cujo principal foco eram os produtos apresentados e as dicas sobre moda e beleza, principalmente, e, ainda, gastronomia, passeios e viagens, para transformar-se na crônica disso tudo, tendo na colunista uma personagem que experiencia: veste-se, usa, compra, experimenta, encontra e aprova ou não.

O texto mais antigo disponível no blog, por exemplo, apresenta uma nova marca que chegava a Porto Alegre, em 11/9/2009, mostrando em fotos os modelos da coleção:

> Mais uma marca bacana desembarcou em Porto Alegre. É a Super Suite Seventy Seven, de Rodrigo Trussardi, que chega à Elektra. As cores de Moschino estão todas presentes na coleção. Eu adorei as camisetinhas de seda que ganham estruturas de ombreiras e os blazers com mangas 7/8.[9]

A coluna do jornal impresso formatava-se mais ainda nesse sentido de comentar produtos, muito mais aliada à publicidade, mostrando-se uma espécie de "utilidade pública" para seu leitor-modelo, então um leitor de impressos de classe média e média alta. As imagens oferecidas eram basicamente desses produtos ou serviços, como roupas e acessórios e interiores de restaurantes.

Ocupando uma página inteira do caderno, o "Por aí" da edição impressa oferece-se hoje ao leitor em um diálogo entre o verbal e o imagético, em que as imagens se destacam, distribuindo-se em três colunas que simulam um percurso linear sinuoso – o "por aí" do título. No alto, à esquerda, está a ilustração de uma jovem guiando seu cão pela coleira – ela segue à frente, enquanto ele parece frear a caminhada. Essa espécie de avatar dos protagonistas também está no blog de Mariana, servindo, assim, como elo entre as duas formas e uma âncora para a identificação daquele leitor que circula entre o impresso e o digital – para o qual há, ao pé da página, o código QR e o endereço impresso do blog. Abaixo dos pés da avatar, inicia-se uma linha pontilhada que traça um percurso pela página, que não apenas sugere a caminhada da personagem como serve para guiar a leitura, já que o formato pode confundir a direção a ser tomada, entre imagens e textos.

O formato da coluna lembra um infográfico, em seu aspecto visual imediato, principalmente pela perspectiva do entrecruzamento de imagens e textos e, ainda, pela inserção de setas indicativas e balões. O fato de que esse é um modelo comum das edições impressas – que não possibilitam audiovisuais como as versões digitais – também leva o leitor a inicialmente ler o texto como tal.

[9] Disponível em: http://wp.clicrbs.com.br/porai/page/92/?topo=13%2C1%2C1%2C%2C18%2C13. Acesso em jun. 2013.

Essa sugestão de uma linha espaço-temporal confirmaria, assim, a ideia de infográfico, mas também da linha do tempo do Facebook, que igualmente divide os posts em colunas, permitindo a inserção de textos e imagens. Essa intercalação entre pequenos textos e imagens, às vezes com legendas, e ainda a interlocução com o leitor, que surge ora como comentador dos textos anteriores, ora como informante, principalmente no blog, evidencia a intenção de remediar modos textuais e protocolos de leitura digitais, trazidos do modelo aplicado na versão da internet. A centralização da imagem, desafiando o domínio da escrita, é, segundo Furtado (2012, p.193), efeito dessas mudanças comunicacionais:

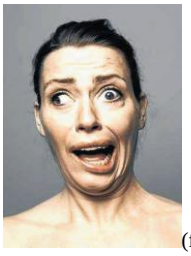
> Os efeitos combinados do domínio do modo imagem e do médium ecrã sobre a escrita vão produzir alterações profundas nas suas formas e funções, o que, por sua vez, vai ter efeitos igualmente profundos na relação humana, cognitiva/afetiva, cultural e corporal com o mundo e nas formas e modelos do conhecimento [...].

O principal recurso trazido do design digital é, assim, o uso de imagens[10] que lembram *memes* e que se repetem conforme evocam o mesmo sentido. Nos cinco textos analisados, por exemplo, temos a repetição de algumas imagens de faces femininas que figuram os sentimentos da cronista diante das situações que ela narra. Embora essas imagens sejam fotográficas, o tom exagerado e a repetição tornam-nas representações similares àquelas promovidas pelos *memes*. Vejamos algumas delas:

Quando a narradora-personagem quer evocar sua "tripla personalidade", que pode "sair do sério" diante de vendedores inconvenientes e crendices como o "horóscopo fashion", a imagem é esta:

(fig. 1)

Outra imagem recorrente é a que representa certa confusão mental:



(fig. 2)

A fúria da narradora-personagem:

[10] Conforme a própria autora, através de entrevista por email, as imagens utilizadas são buscadas pelo Google e copiadas de sites, geralmente sem referência.

(fig. 3)

No novo formato da coluna, até mesmo produtos que a cronista não usaria "nem morta" são mostrados, como os creepers:

(fig. 4)

E sua indignação ou recusa diante de creepers e vendedoras abusadas:

(fig. 5)

A representação do estranhamento:

(fig. 6)

A decepção:

(fig. 7)

Deixando aquela perspectiva mercadológica que movimenta as colunas de moda, gastronomia e viagens, em que o foco é a *descrição* do produto, o texto de Mariana kalil aproximou-se da *narrativa*, em que situações de vida da narradora-personagem são apresentadas. Os acontecimentos são narrados sempre com vistas a trazer à tona desde assuntos do cotidiano a questões existenciais, sempre com humor e autorreflexão. E é aí que o texto de Mariana se dá como crônica, gênero que o próprio veículo associa ao "Por aí" (ClickRBS, 2013) na descrição da coluna: "As crônicas são marcadas pela inserção de imagens engraçadas e tratam com leveza mesmo os momentos mais dramáticos que uma mulher na faixa dos 30 e 40 anos encara em seu cotidiano".

Os temas e a linguagem do texto de kalil são característicos da crônica jornalística, conforme o que aponta Antonio Cândido para o gênero (1992, p. 13), pois, "Por meio dos

assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia":

> Na busca por uma vida mais saudável e com a crença de que a beleza vem de dentro para fora (já que em certos momentos, e eles não são poucos, não resta acreditar em outra coisa mesmo), ando obcecada por produtos naturebas. Troquei o pão do café da manhã por uma gororoba de banana amassada com chia, linhaça, granola caseira, Goji Berry, cranberry e mirtilo (KALIL, 2/6/2013, p. 5).

(fig. 8)

Como gênero da primeira pessoa, a crônica pode conter elementos da expressividade emotiva, da autobiografia e da visão subjetiva dos acontecimentos e do mundo. Na crônica, autor e narrador estão geralmente colados, e este é o caso de Mariana Kalil, a narradora-cronista de "Por aí". Mais do que comentários acerca da realidade exterior, seus textos são relatos de suas experiências, de cunho um tanto confessional, no cotidiano profissional e familiar. Embora o marido da cronista figure vez ou outra, quando seus comentários são citados, o outro protagonista é o cachorrinho de estimação do casal, Bento. Ele apareceu pela primeira vez no blog, em 05/5/2011, coincidentemente (ou não), um dia antes do anúncio da mudança da coluna[11], na postagem "Passeio matinal", já com sua fotografia:

(fig. 9)

> Eu tenho um compromisso todos os dias de manhã: passear com o Bento, meu lhasa apso. Ele já abre os olhos me encarando desse jeito - e nossa volta não é uma voltinha qualquer, dura pelo menos 40 minutos. Então, nessa semana que passou, resolvi modificar o trajeto para tentar conhecer lugares novos enquanto ele cheira gramas e postes sem parar. Em vez de entrar no Parcão, subi até a Florêncio Ygartua e dei de cara com uma loja que até então não tinha prestado muita atenção [sic] (KALIL, 05/5/2011).

Desde então, Bento tem sido a principal "figurinha" da crônica – talvez hoje o mais retratado no Jornal Zero Hora. Neste ponto, é interessante observar os limites da

[11] Disponível em: http://wp.clicrbs.com.br/porai/2011/05/06/bem-vindos-ao-novo-por-ai/?topo=13,1,1,,18,13. Acesso em: jul. 2013.

expressividade de um cão, fotografado para ilustrar as mais diferentes emoções diante das aventuras de sua dona "por aí". Na perspectiva da multimodalidade, em que a imagem dialoga com o texto, isso tem funcionado bem:

(fig. 10)

(fig. 11)

(fig. 12)

(fig. 13)

(fig. 14)

(fig. 15)

(fig. 16)

Nas crônicas de Mariana Kalil, a imagem está sempre articulada com o texto, servindo como ilustração, geralmente complementar do verbal. A figura 17 a seguir, por exemplo, só complementa o texto que acompanha a figura 8 pela associação do verbal contido no balão, já que nada no texto indica o fracasso da mistura:

(fig. 17)

Já a figura 18 acrescenta informação ao texto, pois mostra a marca do produto adquirido, nunca citada:

(fig. 18)

Mas também são redundantes às vezes, intensificando a expressão das emoções: "[...] dei uma provadinha para sentir o gosto do detox" (KALIL, 30/6/2013, P. 5)

– Tem gosto de Ki-Suco de morango!! – murmurei na cozinha.
(fig. 19)

As "falas" de Bento, por exemplo, expressam ora suas vontades (Vamos?), ora sua reação ou opinião diante dos acontecimentos – e não se pode negar aqui, certamente, o cãozinho como alter ego de sua dona, apesar de sua personalidade ser um tanto particularizada por ela. Assim, o diálogo entre o texto e as ilustrações (às vezes verbo-visuais) não multiplica os sentidos da história, embora nem sempre exatamente redundantes, mas, sim, estendem o efeito emotivo, intensificando muitas vezes o ridículo da situação, a surpresa, a decepção, a alegria. São geralmente essas ilustrações que trazem o humor ao texto, humor esse que é, segundo Cândido (1992, p. 15), o tom do gênero em sua modalidade moderna, quando a crônica afastou-se tanto do folhetim quanto do jornalismo informativo:

> Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro. Creio que a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum sutis da poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma.

A coluna de Kalil é o seguimento desse modelo, então adaptada à cultura digital, em sua multimodalidade e em seu formato próximo dos perfis de redes sociais, fazendo convergir protocolos de leitura do digital para o impresso. O tom íntimo com que a narradora se coloca diante do leitor por vezes aproxima sua narrativa do conto, pois, apesar da presença constante de Bento em fotografias[12], as imagens da cronista ou de seu marido nunca aparecem. O tom fortemente pessoal, incomum em colunas e em crônicas jornalísticas mas próprio das redes sociais, mesmo em perfis públicos, esboroa levemente a identidade natural da crônica – cuja distância entre narrador e autor é menor – pelo efeito da ficcionalidade, já que coloca em dúvida a identidade da personagem, fazendo descolar-se a imagem da autora, Mariana Kalil, da protagonista, a dona do carismático Bento, tão franca sobre si mesma. Assim, pode-se ler facilmente a crônica de Mariana como contos ilustrados ou mesmo fotonovelas, acompanhando a protagonista em suas tentativas de entender-se a si mesma, enquanto nega modismos (02/6/2013), se sente escrava das exigências de seu pet (09/6/2013), foge de vendedores chatos (16/6/2013) ou inventa suas próprias dietas para perder peso (23/6/2013 e 30/6/2013).

É interessante observar que no meio digital essa perspectiva do descolamento entre a blogueira e a personagem não existe. No blog, a voz é de Mariana kalil, embora ela também

[12] As fotografias de Bento são de autoria da cronista, como ela explica em entrevista por email.

não apareça além da voz no texto. Já a colunista, ao mostrar, por exemplo, a marca do produto que teve uma avaliação negativa de sua parte (figura 18), evidentemente decepcionada com o sabor de "suco de morango", coloca em jogo o objetivo publicitário que a coluna possa ter, realçando o humor e pondo em evidência muito mais os acontecimentos – típicos de narrativas –, como uma experiência "mais pessoal e intimista" (KALIL, 06/5/2011), como ela própria aponta quando de sua decisão de mudar o blog.

Dessa forma, é no cruzamento entre os meios impresso e digital que se fortifica a inovação de Kalil, pois é a partir de sua identidade como blogueira que a coluna impressa se fortalece como crônica de seu tempo. Embora a versão digital tenha nascido para ser uma "extensão da coluna" (KALIL, 06/5/2011), é evidente que hoje há um diálogo equilibrado, por vezes beirando a redundância. A transposição do layout do blog para a edição impressa mostra a intenção de manter o diálogo com esse leitor migrante – o narratário da blogueira, seu interlocutor entre 30 e 40 anos. Como as affordances do jornal impresso são limitadas, principalmente se comparadas aos meios digitais, essa falta de recursos, por exemplo a possibilidade de inserção de links, pois os códigos QR "sujam" o texto, é compensada pela construção multimodal, em que as imagens lembram memes e a formatação se assemelha a de uma linha do tempo.

É através dessa remediação que o texto, ao evocar uma tecnologia de leitura muito próxima ao da internet, chama o leitor típico da cultura digital. O próximo passo para fidelizar esse hiperleitor foi dado recentemente: a criação do webseriado "Por aí", episódios audiovisuais postados na internet. Em sua primeira edição, o audiovisual apresenta uma narrativa protagonizada por Mari, então interpretada por uma atriz, promovendo novamente o descolamento entre colunista e personagem, "33 anos, casada, sem filhos, jornalista", que "vive atordoada com sua consciência". A história mostra a motivação para a personagem iniciar um programa de corridas, que começa quando ela folheia o Caderno Donna.

A ubiquidade dos meios digitais leva-nos a entender que possivelmente a comunicação em papel tem seus dias contados. A crônica em papiro lida na praça para uma dezena de pessoas é hoje uma postagem que alcança milhares no Facebook. Algumas formas parecem ser intrínsecas ao meio que as permitiu *falar*, e esse é o caso da literatura, que ainda é associada ao livro, principalmente seu gênero mais lido, o romance. Outras formas, no entanto, adaptam-se rapidamente às novas tecnologias de produção e leitura, e esse parece ser o caso da crônica. A coluna "Por aí" é exemplo dessa tendência de remediar formas e recriar modelos para atender a diferentes protocolos de leitura e, assim, fazendo

valer a sua voz – o conteúdo que produz – sem precisar optar pelo impresso ou o digital. Os veículos de comunicação certamente precisam rever constantemente as formas – as mídias, os gêneros, as linguagens – que os colocam diante do receptor, mais: diante de um receptor que seleciona, comenta e compartilha. Mas isso nem sempre significa extinguir as versões impressas, como mostra a coluna de Mariana kalil, que escolheu todos os caminhos possíveis, adaptando-se a novos meios e remediando velhas formas, recriando-se, enfim, para seguir, por aí, seu leitor.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *A crônica.* O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CLICKRBS. "Coluna e blog Por Aí de Mariana Kalil viram webseriado em ZH." Núcleo RBS de Divulgação, 25/6/2013. Disponível em: http://gruporbs.clickrbs.com.br/blog/2013/05/31/coluna-e-blog-por-ai-de-mariana-kalil-viram-webseriado-em-zh/. Acesso em: jun. 2013.

FURTADO, José Afonso. *Uma cultura da informação para o universo digital*. Lisboa: Fundação Francisco Manoel dos Santos, 2012.

KALIL, Mariana. "Por aí". CLICKRBS, 2009-2013. Disponível em: http://wp.clicrbs.com.br/porai/?topo=13,1,1,,18,13. Acesso em: jul. 2013.

KALIL, Mariana. "Por aí". *Jornal Zero Hora*. Caderno Donna. Edições de 02/6/2013, 09/6/2013, 16/6/2013, 23/6/2013 e 30/6/2013.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

OLIVEIRA, F. I. S.; RODRIGUES, S. T. "Affordances: a relação entre agente e ambiente." *Ciências & Cognição*, v. 9, p. 120130, 2006. Disponível em: http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/603.

QUADROS, Cláudia. Verbete "Jornalismo digital". In: MELLO, José Marques de et alli (Org.) *Enciclopédia Intercom de Comunicação*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, 2010, p. 732. Disponível em CD-Rom.

SANTAELLA, Lúcia. "Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humanismo." *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, n. 22, dez. 2003, p. 23-32. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493. Acesso em: jun. 2013.

ZH TV. "Por aí". Webseriado. Texto de Mariana Kalil. Disponível em: : http://videos.clicrbs.com.br/rs/zerohora/video/donna/2013/05/por-mari-arrisca-corrida/24367/. Acesso em: jul. 2013.